

Como incluir as igrejas na Ciranda do Bem*

Havia uma pequena comunidade no sul da Califórnia, Estados Unidos, que estava sem pastor e passava por dificuldades. Na tentativa de reavivar a igreja, os mais velhos elegeram um novo líder, que tinha estado no ministério de jovens por mais de 20 anos. Quando chegou, o pastor Josh começou a exercer seu ministério como sempre fez, desenvolvendo relacionamentos com cada pessoa da congregação e encorajando cada geração a se relacionar com a outra em diferentes níveis. Por causa da atmosfera criada pelo novo líder, a igreja se tornou cada vez mais diversa tanto étnica, quanto economicamente e em relação às gerações presentes ali.

A filha de Scottie e sua família começou a frequentar a igreja assim que o pastor Josh chegou. Durante visitas ocasionais, Scottie pode testemunhar a forma singular como ele servia a igreja. Um domingo pela manhã ela viu o pastor Josh, de calça e camiseta social, jogando basquete com alguns garotos em idade escolar. Tomando cuidado para não suar muito, ele então levou alguns minutos para se aquietar antes de começar o culto. O pastor Josh sabia o nome dos garotos com quem estava jogando. Por causa desse relacionamento, ele foi capaz de nutri-los de forma significativa conforme conduzia o culto e pregava. Os netos de Scottie gostavam de ir à igreja, mesmo que apenas para acompanhar seus pais em um encontro do comitê. Seus nomes eram conhecidos e eles eram cuidados pelos membros da congregação.

Um membro da congregação, com cerca de 50 anos, era apaixonado por jardinagem. Ele propôs que a igreja criasse um jardim em sua propriedade. A ideia foi bem aceita, e as pessoas — famílias, pessoas solteiras e outras — começaram a se reunir aos sábados para limpar e preparar a terra. No domingo seguinte, Domingo de Ramos, a congregação inteira foi do templo até o jardim, cantando e carregando cartazes especialmente feitos para a celebração. A igreja inteira participou de um piquenique, todos espalhados pelo jardim. E então chegou o tempo de plantar. Todos participaram plantando seus vegetais preferidos, árvores frutíferas e flores nas fileiras do canteiro recém-criado. Durante a longa época de crescimento, pessoas de todas as idades vinham de tarde e aos sábados para cultivar e regar o jardim. Quando chegou a colheita, as famílias dividiram o resultado, e a congregação deu as sobras para os desabrigados e outras pessoas da comunidade.

Na noite de natal, o vovô Henry sentou em um banco no púlpito e leu histórias de natal para as muitas crianças que o rodeavam. Era difícil dizer qual era a grande atração: a história ou o vovô Henry. Depois do culto, a filha de Scottie contou a ela a história dele. Ele fazia parte da igreja há um bom tempo. Porque adorava crianças, ele sempre guardava alguns doces em seu bolso e dava a todos que chegavam. Mas o vovô Henry tinha um tumor maligno no cérebro. E como as dívidas médicas aumentavam, a família quase perdeu tudo. As pessoas da igreja se reuniram e decidiram cobrir a hipoteca pelo tempo que fosse necessário para que eles não perdessem a casa. Essa foi apenas uma das muitas formas como a igreja apoiou Henry.

Depois de um tempo, vovô Henry não resistiu. As pessoas da congregação, sob a liderança do pastor Josh, participaram de um culto em memória de Henry. A igreja inteira estava presente, incluindo as crianças que sentaram ao redor dele para ouvir as histórias de natal. Balões, em vez de flores, enfeitavam o caixão.

Durante o funeral, o pastor Josh preparou toda a congregação para um tempo de “discurso livre”. Pessoas de todas as idades se enfileiraram para dizer o que vovô Henry significava para elas. Crianças de várias idades contaram histórias e expressaram gratidão a Deus por ele. Alguns deles, incluindo a neta de Scottie, eram tão novos que precisaram ser levantados por seus pais para poderem se vistos pela congregação. As crianças levaram os balões para casa para lembrar do vovô Henry.

Essa igreja era uma comunidade vital no fortalecimento da fé das crianças, adolescentes e adultos. Por que ela era tão efetiva? Vários fatores parecem ter contribuído:

- Todas as pessoas eram bem-vindas e tratadas com respeito.
- O pastor amava e cuidava das pessoas, e elas sabiam disso; em troca, elas se amavam e cuidavam umas das outras.
- A convivência da igreja era pensada e tratada como uma convivência em família.
- A ênfase eram as pessoas e seus relacionamentos com Deus e com os outros e não os programas.
- O pastor encorajava as pessoas a criar suas próprias formas de se relacionar umas com as outras.
- Porque as crianças estavam presentes em cada parte da vida da igreja, elas eram educadas pela fé dos membros da congregação.

Sua igreja é assim, ou você está pensando: “Ah se eu encontrasse uma igreja como essa...”? Poucos de nós não desejaríamos uma comunidade de fé onde fosse possível crescer espiritualmente e servir a Cristo, onde as crianças pudessem crescer. Infelizmente, em nossa sociedade individualista, segregacionista e atarefada, em que as igrejas muitas vezes são vistas como grandes corporações, muitos desistiram de ver a igreja como uma comunidade de fé que recebe e fortalece a espiritualidade das crianças. Porém, a participação em uma comunidade de fé é essencial para a formação cristã dos mais novos. Precisamos resgatar a visão e descobrir novas formas de trazê-la para a realidade de nossas igrejas, independente de seu tamanho.

Depois de uma breve visão do plano de Deus para a comunidade, conforme visto nas Escrituras, examinaremos as características de comunidades que preparam crianças e adultos para se tornarem tudo o que Deus deseja que eles sejam. O capítulo também mostrará como desenvolver e manter comunidades que incluem plenamente as crianças, celebrando os dons que elas trazem para a comunidade de fé e expressam por meio dela.

Criados para a comunidade

Ao lermos as Escrituras, não precisamos procurar muito para encontrar dicas que apontam para a importância da comunidade. Se tivermos olhos para ver, a evidência está na história da criação.

“Então disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança'” (Gn 1.26). Aqui descobrimos que Deus é “nós”, um ser relacional, em comunidade. Conforme lemos as Escrituras, conhecemos o trino Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, três em um, que ama e que trabalha em perfeita harmonia para a redenção de toda a criação e para a restauração do reino de Deus. Os evangelhos revelam o belo relacionamento que existe entre Jesus e seu Pai e o plano de Deus para que o Espírito Santo continue o trabalho de Jesus na terra.

Gênesis 1.26 nos conta também que somos criados à imagem de Deus. Ser à imagem de Deus é ser criado para a comunidade, com potencial para estar em relacionamento com Deus e com os outros. Precisamos da comunidade para nossa integridade, para nos tornarmos tudo que somos criados para ser.

No ato da criação Deus estabeleceu a comunidade humana. A história da expansão da criação em Gênesis 2 nos conta que Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (2.18).¹ Em Eva, Deus deu a Adão alguém como ele, “osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2.23), para estar em união com ele, para ser uma força e apoio para ele, assim como ele seria para ela. Deus abençoou esse primeiro casal e deu a eles a ordem de¹ crescer e multiplicar (Gn 1.28), de trazer crianças para essa comunidade de homens e mulheres.

Deus proveu a comunidade da família para nutrir as crianças, e o plano de Deus para essa comunidade é que ela seja estável e pessoal. Um homem deve deixar seu pai e sua mãe e se unir à sua esposa (Gn 2.24). Aqui está um compromisso de longo prazo para um relacionamento em que dois se tornam um, provendo uma comunidade unificada e harmoniosa para o fortalecimento de suas crianças. Uma comunidade que é amável e estável, e que apóia seus membros através dos anos: Esse é o plano de Deus para a criação.

A comunidade de fé nos tempos do Antigo e do Novo Testamentos

No entanto, conforme examinamos as Escrituras, percebemos que a comunidade de fortalecimento da família nuclear não é suficiente em si mesma. Vemos Deus chamando o povo de Israel para um relacionamento com Yahweh e trabalhando para fazer deles o povo de Deus. Conforme os israelitas se preparavam para entrar na Terra Prometida e se tornar a nação escolhida de Deus, Moisés os desafiou a viver em obediência às Leis de Deus para seu próprio bem e por seus filhos (Dt 6.1-25). Deus planejou que a vida de uma comunidade e de uma nação que honra a Deus deveria fortalecer a fé das crianças.

Além disso, Deus instruiu Moisés e outros líderes a reunirem o povo regularmente para aprender e adorar. Eles se reuniram para ouvir os mandamentos de Deus pela primeira vez (Êx 34.32), e cada ano após esse dia as pessoas se reuniam em um lugar de adoração para participar de festivais que lembravam a libertação da escravidão, para agradecer a Deus pela bondade generosa (Dt 16.1-17), e para buscar o perdão pelos pecados (Nm 29.7-11). Famílias inteiras participavam desses encontros. Como vemos no capítulo 2, as crianças israelitas tinham o privilégio de aprender histórias sobre a bondade de Deus ao adorarem com toda a comunidade de fé. Elas sabiam quem eram na comunidade por meio das histórias e de suas encenações.

Em todo o Antigo Testamento vemos a influência crucial da comunidade de fé no fortalecimento espiritual das crianças (por exemplo, Js 8.30-35; 2Cr 20, Ne 12.27-43).

Quando examinamos o Novo Testamento, descobrimos que a reunião da comunidade de fé era importante para Jesus. No único vislumbre da infância de Jesus, ele está em Jerusalém com a família e os amigos para a festa da Páscoa. Ele está lá porque Maria e José, todos os anos, fielmente, levavam sua família em uma viagem de Nazaré até Jerusalém para celebrar essa festa com toda a comunidade (Lc 2.41). Aos doze anos, essa viagem era para Jesus mais do que um ritual familiar. Ele identifica o templo como “a casa do Pai” e o vemos, por iniciativa própria, se dirigindo aos líderes religiosos para testar seu desenvolvimento e entendimento sobre Deus. Ele ouve, faz perguntas, e surpreende os líderes com sua inteligência (Lc 2.46-49).

Maria e José viram que Jesus estava sendo fortalecido na comunidade de fé e por ela, e o vemos já adulto frequentando a sinagoga e voltando a Jerusalém a cada ano para a festa da Páscoa. Quando criança, Jesus vivenciou a comunidade de fé; quando adulto, foi exemplo de participação nessa comunidade.

Depois do Pentecostes, a comunidade de fé ganhou uma nova forma para o povo de Deus. Apesar de os crentes em Jerusalém continuarem indo ao templo e passando bastante tempo juntos lá, eles também se encontravam nas casas para comunhão e oração. Eles vendiam suas propriedades e compartilhavam com os que precisavam (At 2.42-47). Conforme os cristãos se espalhavam fora de Jerusalém, eles se encontravam regularmente nas casas. Famílias inteiras, incluindo as crianças, se encontravam na igreja para aprender, adorar, e desfrutar da companhia uns dos outros.

Segundo o plano de Deus, somos criados para a comunidade, para aprendermos e crescermos juntos. O crescimento começa na intimidade da vida familiar; ainda assim, Deus não deseja que a

família fortaleça a fé dos pais e dos filhos sozinha. Deus nos conduz a uma comunidade de fé onde os pais e os filhos são alimentados, instruídos e apoiados, uma comunidade que trabalha unida a serviço de Deus e do mundo que Deus ama.

Comunidades de fé e crescimento

Toda comunidade influencia suas crianças, para o bem ou para o mal. Que elementos são necessários para criar uma comunidade que nutre uma fé vital, saudável e crescente em crianças e adultos? Tanto o caráter das pessoas que se reúnem quanto as atividades que o grupo escolhe determina se a comunidade será ou não uma comunidade saudável.

O caráter de uma comunidade

A essência de uma congregação saudável é o amor por Deus, e esse amor gera obediência aos mandamentos de Deus, uma adoração genuína, e amor pelos outros. Existe uma integração entre adoração e vida, palavras e ações. As crianças que testemunham isso e que são envolvidas por essa integração descobrem o que realmente significa ser cristão. Elas observam que o significado das palavras que ouvem na igreja é posto em prática diante delas no decorrer da semana. Elas aprendem que o amor por Deus e a obediência a ele influenciam cada parte da vida, e elas passam a conhecer um Deus que está presente e atuante em todos os desafios, alegrias e tristezas que enfrentam.

Será que as igrejas de hoje estão demonstrando essa integração entre adoração e vida, palavras e ações? Depois de estudar a igreja norte-americana por mais de duas décadas, George Barna expressa uma preocupação profunda pela igreja padrão:

“O que bloqueia a igreja não é sua teologia, mas sua falha em aplicar o que acredita de forma convincente. A decadência da igreja não está no conteúdo de sua mensagem, mas na falha em praticar essas verdades. Os cristãos têm sido seus próprios inimigos quando se trata de mostrar ao mundo o que um cristianismo bíblico e autêntico representa...

Aqueles que se voltaram para o cristianismo buscando verdade e significado acabaram ficando vazios e confusos com a aparente inabilidade dos cristãos de aplicar os princípios que professam.”²

Não apenas os que buscam, mas as crianças também precisam ver os princípios de sua fé cristã vividos de forma prática. Deus deseja unir um povo diverso e **geracionalmente** variado que demonstre o caráter que Deus espera; uma comunidade de pessoas que vivem de maneira que realizem o propósito de Deus para o mundo. Essas comunidades podem nutrir uma fé genuína. Congregações saudáveis terão um senso claro de sua identidade como filhos de Deus, discípulos e amigos de Jesus, escolhidos para participar da obra de Deus no mundo. Elas serão comunidades amorosas, que expressam amor pelas crianças e pelos adultos na igreja, pelos vizinhos ao redor da comunidade e pelo o mundo.³

Da mesma forma que a igreja descrita no começo do capítulo, congregações saudáveis enfrentarão decepções, dor e sofrimento. Porém, juntas, pela graça de Deus, as pessoas encontrarão uma saída. Para oferecer aos nossos filhos, e a nós, uma comunidade de fé, não precisamos ser perfeitos, ter alcançado o alvo. Deus simplesmente nos chama para seguir fielmente a Jesus, crescendo como discípulos. Onde quer que estejamos na caminhada, Deus tem um lugar de serviço para nós.

O caráter, a integridade e a vitalidade espiritual da comunidade de fé afetarão as crianças profundamente. Aqueles que se preocupam com o crescimento espiritual das crianças se preocuparão com a vitalidade espiritual de toda a congregação.

O que desenvolve e sustenta a comunidade

Pessoas criadas a imagem de Deus anseiam por uma comunidade genuína; ainda assim, muitos em nossa sociedade individualista e instável nunca a encontraram. As pessoas mudam de um grupo para outro, de uma igreja para outra, porque rapidamente descobrem que apenas colocar pessoas juntas numa sala não faz delas uma comunidade. Até certas atividades de diversão em grupo às vezes nos deixam cientes de nossas necessidades não supridas pela comunidade.

Que tipos de grupos existem numa comunidade verdadeira? O que nossas congregações podem fazer para desenvolver uma comunidade para nossos filhos? Como serão as verdadeiras comunidades de fé? A etnicista cristã Christine Pohl identificou quatro elementos que ela acredita serem essenciais para desenvolver e sustentar uma comunidade: hospitalidade, gratidão, sinceridade e cumprimento de promessas.⁴ Vamos observar como cada um desses elementos pode afetar as crianças e estabelecer uma base para que elas encontrem e conheçam a Deus na comunidade de fé.

A palavra *hospitalidade* talvez traga à mente a imagem de um delicioso jantar servido em um lindo jogo de porcelana; no entanto, não é assim que os cristãos através dos séculos entendem a hospitalidade. A tradição cristã de hospitalidade é a prática de receber os visitantes, especialmente os vulneráveis, os pobres, e os necessitados, em um lugar seguro como convidados sendo servidos por anfitriões receptivos.

Em *Making Room: Recovering Hospitality as a Christian Tradition* (Abrindo espaço: redescobrimos a hospitalidade como uma tradição cristã) Pohl define “visitantes” como “aqueles que estão isolados dos relacionamentos básicos que dão às pessoas um lugar seguro no mundo”.⁵ Apesar de a maioria das crianças em nossas igrejas não serem estrangeiros a quem falta um “lugar seguro no mundo”, em muitas igrejas elas são invisíveis e só são consideradas em programas planejados para elas. Talvez elas estejam desconectadas de tudo, a não ser de seus amigos e de alguns poucos adultos que trabalham com elas. No capítulo 2 notamos que Jesus escolheu uma criança para representar o menor, o mais vulnerável e o invisível na sociedade (Lc 9.46-48). E quando Jesus fala das crianças, ele fala em recebê-las: “Deixem vir a mim as crianças [...] quem recebe esta criança em meu nome, está me recebendo” (Lc 18.16; 9.48). Essa é a linguagem da hospitalidade. Crianças precisam ser recebidas para crescer na fé. Muito do que temos aprendido sobre receber visitantes — o pobre, o necessitado, o desabrigado — pode nos ajudar a perceber como oferecer hospitalidade às crianças na congregação, como fazer com que elas se sintam realmente bem-vindas.

A hospitalidade é oferecida quando recebemos o outro em um lugar que é importante para nós, um lugar que se mostra seguro e confortável e onde as pessoas experimentam aceitação, amizade e respeito. Para expressar receptividade e respeito precisamos notar os outros, dar atenção a eles e estar disposto a ouvi-los. A hospitalidade requer tempo para compartilhar nossas histórias e nossas vidas, tempo para que nossas vidas sejam visíveis para aqueles que estão sendo recebidos.⁶ O verdadeiro respeito se baseia na crença no igual valor e dignidade de todas as pessoas. Ele reconhece que cada pessoa em um relacionamento tem dons a oferecer e que cada um precisa dos dons do outro.⁷ Através dos séculos, a hospitalidade tem sido uma prática sagrada entre os cristãos. Eles buscavam Jesus naqueles que recebiam, esperando que Deus os ensinasse e os abençoasse por meio de seus convidados.⁸

De que forma nossas igrejas mudariam se toda a congregação, não apenas os professores da escola dominical, levassem a sério a admoestação de Jesus para receber as crianças — se como congregação nós verdadeiramente oferecêssemos hospitalidade às crianças? Que lugares e atividades importantes para os adultos precisam ser abertos para as crianças? Com exceção dos programas infantis, com que frequência oferecemos nossa atenção total às crianças? Quem as escuta? Onde existe uma amizade desenvolvida entre crianças e adultos? Como congregação,

realmente vemos as crianças como pessoas de valor e dignidade da mesma forma que vemos adolescentes e adultos? Esperamos receber seus dons na família de Deus, ver Jesus nelas e ouvir sua voz por meio delas? A igreja será uma comunidade de crescimento para as crianças quando elas a experimentarem como um lugar de hospitalidade graciosa.

Como nos tornamos uma comunidade de hospitalidade generosa? Não acontece instantaneamente, mas é algo que se desenvolve por meio de pequenos atos de boas-vindas e respeito, praticado de forma fiel ao longo do tempo. Dar atenção ao aprendizado dessa hospitalidade por meio dessas práticas fiéis para com nossas crianças nos equipará para ampliar nossa hospitalidade a outros. E conforme nossos filhos vivem em um ambiente de hospitalidade, eles se tornarão pessoas comprometidas em receber bem os outros.⁹

Notei anteriormente que a maioria das crianças em nossas igrejas não são “estranhas” no sentido amplo da palavra. No entanto, nas cidades e municípios ao redor de nossas igrejas existem muitas crianças verdadeiramente estranhas necessitando de nossas boas-vindas. Deus nos chama a estender a hospitalidade a essas crianças, e ao fazer isso vamos fazer com que as crianças das famílias da igreja tenham oportunidade de aprender os caminhos do reino de Deus.

Uma hospitalidade saudável gera *gratidão* pela recepção amorosa que recebemos de Deus. E quando, como resultado da gratidão a Deus, amamos os outros, eles podem ver Deus em nós. Que maravilhoso dom temos o privilégio de oferecer! No entanto, se falta gratidão e servimos com má vontade, ficaremos exaustos e geralmente machucaremos aqueles que tentamos servir.¹⁰ Um espírito agradecido focaliza os dons que recebemos de Deus e dos outros e nos mantém cientes de nossas próprias necessidades. Esse reconhecimento nos protege de pensar mais de nós mesmos do que deveríamos e nos ajuda a lembrar do valor e da dignidade dos outros (Rm 12.3-5). Os autores bíblicos se referem aos adultos como “filhos” de Deus.¹¹ Temos muito a ganhar ao ver nós mesmos, junto com nossos filhos, como aqueles que têm o privilégio de receber a graça e o cuidado de Deus. O salmista Davi celebra o Deus que, como um pai, tem compaixão por “aqueles que o temem”, um Deus que entende as limitações e o potencial de seus filhos (Sl 103.13-14). A verdadeira gratidão pela compreensão paciente de Deus para conosco nos inspira e encoraja a expressar uma compreensão paciente para com as crianças em nosso meio, dando a elas um lugar confortável na comunidade.

A gratidão cria uma atmosfera de amor e alegria. Uma gratidão compartilhada nos une em uma comunidade repleta de paz.

A prática da *sinceridade* também edifica a comunidade. Uma comunidade verdadeira não guarda segredos. Podemos dizer aos outros quem somos e o que está acontecendo em nossas vidas porque os que estão a nossa volta vão nos apoiar. Em uma manhã, na escola dominical, durante um tempo de reflexão sobre o perigoso “vale de trevas” da história do bom pastor, uma garotinha desabafou: “Estamos enfrentando um divórcio”.¹² Ela pôde compartilhar uma verdade dolorosa e ser coberta pelo amor do professor e pelo amor do Bom Pastor.

Sinceridade significa que não precisamos esconder das crianças as dificuldades da vida ou os desafiadores mistérios de Deus. Wendy passou por uma cirurgia para a remoção de um tumor no cérebro. O líder do ministério infantil de sua igreja, querendo que as crianças se envolvessem em interesse e oração, convidou Wendy para conversar com elas. Ela concordou prontamente. Duas crianças colocaram uma cadeira para Wendy no centro da sala e todas elas sentaram no chão em sua volta. Ela contou às crianças o que iria acontecer e por quê. Então perguntou se elas tinham alguma pergunta. A pergunta esperada, “Você está com medo?”, foi respondida com seriedade e honestidade.

Uma pergunta não tão esperada, de um garoto de nove anos, “Você está com raiva?”, fez Wendy parar e pensar. “Sim”, ela finalmente disse. “Às vezes fico com raiva por ter essa coisa horrível em minha cabeça que pode me afastar da minha família e daqueles a quem eu amo. Fico com raiva quando peço para Deus tirar isso de mim e nada acontece.” Conforme ela falava sobre seus medos, as crianças a abençoaram com sua preocupação e suas perguntas honestas.

Depois que Wendy voltou para o culto, as crianças se ocuparam fazendo cartões de encorajamento para ela. Muitos se ofereceram para orar por ela.

Wendy fez sua cirurgia. O líder das crianças sabia que, se Wendy morresse, sua morte teria de ser transmitida às crianças. Porém, ela sobreviveu, e depois de alguns meses ela foi novamente conversar com as crianças. Ela sentou na mesma cadeira enquanto as crianças se reuniam, ansiosas por ouvir o que tinha acontecido. Wendy explicou o que pode sobre a experiência e agradeceu a Deus por sua bondade para com ela e sua família. Ela contou às crianças que sempre que os funcionários do hospital ou os visitantes perguntavam quem tinha feito os cartões colados nas paredes em seu quarto, ela respondia: “As crianças da minha igreja os fizeram. Elas estão orando por mim”. Ela agradeceu a elas por abençoá-la.

Wendy experimentou graça quando as crianças de sua igreja tiveram oportunidade paraabençoar. Trabalhar o medo, a raiva, o sofrimento e o luto na comunidade ajuda a desenvolver laços entre as crianças e os adultos e fortalece a fé de todos.

Na igreja, nos comprometemos a dizer a verdade sobre Deus. Contamos às crianças a história de Deus trabalhando na criação, trazendo redenção através da história e atuando em nosso tempo e em nossas vidas. É importante contarmos a história de forma verdadeira e apropriada. As crianças e os adultos podem conhecer as histórias da Bíblia juntos, descobrir Deus nelas e ouvir o que ele quer dizer a cada um.

Conforme as crianças ouvem e compreendem mais das histórias bíblicas, elas terão perguntas. Em uma comunidade sincera, as imperfeições dos personagens bíblicos e os mistérios dos caminhos de Deus não serão negados. Os adultos ajudarão as crianças a processar suas perguntas com respeito e honestidade e celebrarão suas novas descobertas.

Conforme descobrimos juntos as histórias de Deus, vivenciamos Deus, compartilhamos nossas descobertas, e honestamente processamos nossas perguntas, um senso profundo de comunidade é desenvolvido. Podemos dizer a verdade sobre nossa jornada com Deus, celebrando o que conhecemos e reconhecendo que ainda temos muito a aprender.

Manter as promessas também é essencial na comunidade. Nada destrói mais rápido uma comunidade do que a traição, ou a indisposição de comprometer-nos uns com os outros em primeiro lugar. Ainda assim, muitas crianças vivem em um mundo de promessas não cumpridas. Quem vai prometer estar lá quando elas precisarem? Será que a igreja oferecerá a dádiva de manter suas promessas visando prover uma comunidade de crescimento para as crianças?

As crianças precisam de promessas de hospitalidade. Mantemos essas promessas quando as crianças são bem recebidas nos lugares que são importantes para os adultos e quando os amigos adultos, os professores, as ovelhas, ou pequenos grupos de líderes investem em relacionamentos com as crianças, oferecendo a dádiva da presença de forma regular com o passar do tempo. As crianças também precisam de nosso comprometimento em dizer a verdade.

Fazemos promessas em rituais de batismo infantil ou dedicação. Em um ritual de batismo, o pastor se dirige à congregação, esperando uma resposta.

Vocês, como corpo de Cristo, a igreja, reafirmam tanto a rejeição do pecado quanto seu comprometimento com Cristo?

Sim.

Vocês edificarão uns aos outros na fé e na vida cristã e incluirão essa família que está diante de vocês em seu cuidado?

Com a ajuda de Deus proclamaremos as boas novas e viveremos de acordo com o exemplo de Cristo.

Envolveremos essa família em uma comunidade de amor e perdão, para que eles cresçam em seu serviço aos outros.

Oraremos por eles, para que eles sejam verdadeiros discípulos que seguem pelo caminho que conduz a vida.”¹³

Esse ritual leva a congregação a fazer promessas significantes aos seus filhos e aos pais. Em outras cerimônias, a congregação é convidada a se levantar, demonstrando um comprometimento em apoiar a família e prover apoio espiritual para a criança que acabou de ser dedicada a Deus.

Você leva a sério essas promessas? Como líderes na igreja, será que fazemos algo para ajudar a congregação a pensar sobre as promessas que estão sendo feitas e para orientá-la a cumpri-las? Se os adolescentes em nossa igreja lessem a cerimônia usada em seu batismo ou dedicação, eles diriam “Sim! Minha igreja cumpriu essas promessas” ou eles se sentiriam traídos?

As promessas de uma congregação às crianças também se refletem nas políticas e planos do ministério. Prometemos oferecer à criança um ambiente seguro, protegê-las do abuso. Uma política para quem trabalha com o ministério infantil pode ser elaborada para que haja uma equipe capacitada a desenvolver relacionamentos. Descrições de tarefas e regulamentos para os voluntários no ministério infantil podem conter os compromissos que produzirão uma comunidade de fé saudável. Quantas descrições de trabalho para pastores contêm promessas relacionadas com o fortalecimento espiritual das crianças? Uma vez que incluimos nossas promessas nas políticas, devemos cumpri-las.

As declarações de missão e os *slogans* que uma igreja publica são promessas sendo feitas a toda a congregação, incluindo as crianças. Tais declarações têm um impacto negativo naqueles que percebem que as promessas não estão sendo cumpridas com eles. Como pessoas preocupadas com as crianças, precisamos avaliar isso regularmente. Estamos cumprindo nossas declarações de visão e missão quando se trata das crianças?

Um dos desafios que enfrentamos é a hesitação de muitos adultos em fazer compromissos. Geralmente ouvimos: “Você pode me colocar como substituto, mas não prometo estar lá toda semana, ok?”. Encontramos muitas pessoas que gostam de ir à igreja, mas se recusam a tornarem-se membros, a fazer um compromisso. Ainda assim, uma comunidade verdadeira requer compromisso, promessas feitas um ao outro e mantidas. Como líderes, temos a tarefa de guiar os adultos de hoje em um entendimento da comunidade, da sua importância, e do valor do compromisso deles na vida das crianças.

Crianças na comunidade de fé

Nas noites de quarta, os adultos da congregação de Cathy se encontram para um culto de oração ou estudo, os adolescentes se encontram no grupo jovem e as crianças no clube da vida cristã. No entanto, na quarta-feira, dia 12 de setembro de 2001, ninguém se separou por faixas etárias.¹⁴ Crianças, adolescentes e adultos se reuniram no templo para ouvir palavras de conforto de Deus, para orar, e para estarem juntos na presença de Deus. Todos sabiam que precisavam uns dos outros.

Em tempos de crise, nos tornamos altamente cientes de nossa necessidade de comunidade. Porém, quando a vida é relativamente calma, talvez fiquemos satisfeitos em nossos grupos separados por idade e por interesses, esquecendo a importância da comunidade.

Deus planejou a comunidade de fé para ser uma condutora de graça. O processo pelos quais a fé e uma vida de fé são fortalecidas e se desenvolvem necessitam de uma comunidade onde eles podem ser vistos, praticados e entendidos.¹⁵

As crianças são mais efetivamente nutridas em comunidades onde elas experimentam um senso de pertencimento, onde podem participar de sua vida e ministério, e onde os adultos são modelos de uma fé vital.¹⁶ Nessa sessão examinaremos as dádivas que as crianças recebem na comunidade e os dons que elas oferecem.

Um verdadeiro pertencimento

Vimos anteriormente que Jesus, aos doze anos, identificou o templo como a “casa do pai” (Lc 2.49). Ele tinha um profundo senso de pertencimento a Deus e se sentiu em casa na casa de Deus, com o povo de Deus. Todas as crianças precisam desse senso de pertencimento ao povo de Deus na comunidade de fé.

Um senso de pertencimento se desenvolve a partir do momento em que as crianças criam relacionamentos com adultos e outras crianças na igreja; quando elas recebem amor e em troca amam os outros. Quando elas são recebidas e participam dos vários aspectos da vida da congregação, seu senso de pertencimento cresce. Crianças que sabem que pertencem observam a vida dos adultos que elas estão começando a conhecer e a admirar e querem ser como eles. Então, quando novas famílias chegarem à igreja, elas devem ser recebidas, seja como entrarem, e cuidadosamente conduzidas ao envolvimento total.

Se as crianças participam apenas de uma classe de escola dominical ou de um clube no meio da semana, a influência formal da igreja na vida dessa criança é limitada. Infelizmente, em muitas igrejas hoje, quase todas as atividades para crianças e adolescentes são feitas com seus colegas da mesma idade e com os poucos adultos que lideram os programas. Os jovens pertencem apenas ao seu grupo etário, e quando eles se graduam do grupo de jovens, também se graduam da igreja. Junto com seus colegas, eles saem para encontrar uma espiritualidade que combina com eles, deixando para trás a congregação a qual pertenciam.

A igreja será uma influência positiva no desenvolvimento de suas crianças quando elas forem vistas *como parte* da igreja, não apenas anexadas à igreja através dos programas, não importa o quanto eles sejam bem planejados e divertidos.¹⁷ As crianças precisam de igrejas comprometidas com o crescimento delas como um todo, durante toda a infância.

Uma participação significativa

Uma das premissas básicas do livro de Craig Dykstra, “*Growing in the Faith*”, é que as crianças — e as pessoas de todas as idades — “obtem fé e crescem na fé e na vida de fé ao participarem das práticas da comunidade cristã”.¹⁸ As crianças precisam participar da adoração, da aprendizagem, dos serviços e dos trabalhos de evangelismo fora da congregação. Elas são beneficiadas com envolvimento nas disciplinas cristãs de oração e tempo com Deus. O crescimento é mais saudável quando as crianças participam dessas atividades significativas junto com pessoas que desenvolveram um entendimento e uma habilidade nessas práticas e são capazes de guiá-las e ensiná-las.¹⁹ As cerimônias de uma igreja — a adoração, os sacramentos, o tempo junto com a família de Deus e os eventos especiais nas várias épocas do ano — devem expressar a essência da comunidade de fé. Se houver a intenção de que essa fé seja absorvida pela geração seguinte, as crianças devem ser “incluídas como participantes em todos os rituais comunitários”.²⁰

A participação das crianças deve ir além da simples presença e observação, mesmo que essas coisas sejam importantes. As crianças crescem espiritualmente e em seu senso de pertencimento e identidade com a comunidade de fé quando elas contribuem. Crianças mais velhas pode ler a Bíblia no culto de domingo; o coral infantil pode liderar a congregação no louvor a Deus; e em algumas tradições, as crianças podem servir de assistentes, preparando a congregação para adoração.

Provavelmente, mais crianças do que imaginamos estão preparadas para assumir responsabilidades na comunidade de fé. Quando Billy, de oito anos, ouviu que precisavam de novos anfitriões na igreja, ele se apresentou. O anfitrião oficial levou um tempo para treiná-lo, fazendo-o entender que geralmente o primeiro contato que as pessoas têm com a igreja é com o anfitrião.

Logo a mãe de Billy chamou a líder infantil e perguntou o que tinha acontecido para seu filho estar tão diferente. “Billy nos fez comprar um terno para ele!” ela disse. “Ele nunca usou nada além de camiseta, jeans, e tênis”. Billy sabia que tinha uma responsabilidade importante e queria se parecer e ser como o sr. Brown, o anfitrião oficial.

Geralmente vemos a participação das crianças como uma experiência de aprendizagem para elas. É isso — mas muito mais. As crianças devem se envolver nos ministérios da igreja porque elas têm dons para oferecer: a alegria que sua presença traz ao visitar um asilo, sua energia e fé ao pegar os papéis e organizar os hinários depois de um culto de domingo, a habilidade musical de uma criança de cinco anos que acompanha o coral infantil. Junto com os adultos, as crianças crescem espiritualmente ao expressar sua fé e amor a Deus em serviço, quando como membros da igreja — não apenas como *futuros* membros — elas fazem a obra do povo de Deus.²¹

Sendo formado pela experiência e pela educação

John Westerhoff acredita que a fé não pode ser ensinada; pode apenas ser inspirada. Tal inspiração surge conforme “a fé é expressa, transformada, e se torna significativa por pessoas que compartilham sua fé em uma [...] comunidade de fé”.²² Pastores e líderes de igreja geralmente pensavam que as crianças devem entender os conceitos de sua fé antes de vivenciá-la. No entanto, as crianças aprendem primeiro e mais profundamente por meio da experiência. Elas também aprendem pela imaginação, ouvindo histórias e usando sua imaginação para processar essas histórias e suas experiências. Finalmente, as crianças aprendem usando “sinais”, linguagem conceitual.²³

Quando as crianças estão presentes, experimentando a vida na comunidade de fé, elas experimentam a alegria, o deslumbramento e a surpresa daqueles em sua volta à medida que adoram juntos. Elas experimentam a presença de Deus, mesmo que não possam dar um nome a ela. E elas observam e imitam os adultos e adolescentes que elas veem adorando, se relacionando com os outros na comunidade, e servindo.²⁴ Vivenciar a comunidade de fé é crucial para a formação da fé da criança.

Para entender essa experiência e dar a ela um significado, no entanto, as crianças precisam de educação. A comunidade de fé tem o privilégio de guiar as crianças por meio das histórias bíblicas, nas quais elas encontram Deus e começam a descobrir o caráter e os caminhos de Deus. Nessas histórias elas também ouvem o chamado de Deus para que vivam uma vida de amor, pureza, e obediência a Deus, uma vida que faz diferença no mundo. As crianças percebem o significado das histórias e das suas experiências primeiro de forma intuitiva e afetiva. Conforme se desenvolvem, elas organizam seus conhecimentos em conceitos e então, ao integrarem o que os adultos ensinam e dizem com o que elas conheceram por meio da experiência e das histórias, elas começam a entender as palavras teológicas. Marva Dawn diz que “a Bíblia não pode ser conhecida a menos que haja uma comunidade genuinamente cristã onde se possa estudá-la,

memorizá-la e obedecer a ela”.²⁵ A educação e a experiência na comunidade de fé devem andar de mãos dadas.

Num domingo de manhã, um ministro infantil perguntou a Kim, de quatro anos, o que ela tinha aprendido na escola dominical. A história tinha sido sobre Davi e Saul e os efeitos da hostilidade de Saul para com Davi. Kim pensou por um momento e respondeu: “Para parar uma briga, alguém tem que parar primeiro, mesmo se foi a outra pessoa que fez a coisa errada”. Kim não estava apenas repetindo as palavras dos adultos. De alguma forma, ela retirou da história e de suas interações com os adultos a sua volta essa importante lição de caráter.

Através de suas experiências com o povo de Deus, as crianças aprendem o que significa ser cristão e como fazer diferença nesse mundo. Isso gera sérias questões para os que lideram o ministério infantil na igreja. O que as crianças de nossas congregações estão observando, vivenciando e aprendendo? Elas estão vendo o caráter cristão, a vida que Deus deseja que os cristãos vivam?

As crianças são essenciais para a comunidade

Não são apenas as crianças que precisam de uma comunidade de fé — a comunidade precisa das crianças. Quando Moisés chamou todos os israelitas para renovarem sua aliança com Deus antes de chegarem à terra prometida, as crianças estavam presentes no grande ajuntamento do povo da aliança (Dt 29.2, 10-11). Hoje a igreja, a comunidade cristã da aliança, é a expressão fundamental do povo de Deus. E a igreja só é uma igreja — o povo de Deus — por inteiro se as crianças estiverem presentes. O povo de Deus aprende o significado da responsabilidade e do cuidado solidário quando eles ministram às crianças. Vemos a fé de forma renovada quando convidamos as crianças para processarem suas experiências conosco e experimentamos a graça conforme Deus nos ministra por meio delas.

A essência de uma comunidade está na vivência e na fidelidade de seu povo. Sem as crianças, a vivência e a fidelidade não têm significado para a outra geração. Conforme Neil Postman coloca: “As crianças são as mensagens vivas que mandamos para um tempo que não veremos”.²⁶ Sem a necessidade de preparar essa mensagem viva, de servir de modelo e de explicar a fé às crianças, a fé dos adultos fica empobrecida.

Cristo se torna conhecido no mundo por meio do louvor, do discipulado, do serviço, do aprendizado e do testemunho do povo de Deus. Quando perguntaram quem era o maior no reino de Deus, Jesus trouxe uma criança para o grupo de discípulos reunidos para ensiná-los sobre os caminhos do reino. E Jesus prometeu estar com seu povo de uma forma misteriosa quando eles recebessem as crianças (Mt 18.3-5). As crianças *precisam* se envolver de forma autêntica nas atividades do povo de Deus e ser ajudadas a se tornarem participantes responsáveis na vida da igreja ou a igreja falhará em encarnar Cristo e verdadeiramente ver o reino de Deus.

O mistério da formação na comunidade

Como Deus chega até as crianças em uma comunidade de fé? A forma como Deus se encontra com os seres humanos sempre será um mistério. Deus chega até as crianças da mesma forma que chega até os adultos — através do mistério da obra do Espírito Santo, através de relacionamentos entre o povo de Deus, através da revelação da vontade e do propósito de Deus em Cristo e pelas Escrituras.

Stephen, de três anos, disse a sua mãe certo dia: “Mamãe, eu não posso acreditar em Deus porque não entendo ele”. Quando nós, como Stephen, aceitamos o mistério do relacionamento de Deus com seu povo, certas atividades podem servir como veículos para nosso crescimento e entendimento. Adultos que desejam passar sua fé para a próxima geração aceitarão o mistério e desenvolverão práticas autênticas para as comunidades de fé.

Relacionamentos na comunidade

No primeiro domingo de Brandon na igreja de Cathy, ele passou o momento de adoração com outras crianças de três anos e dois adultos que eram líderes de louvor. Quando seus pais o vieram buscar, uma senhora o levou até a porta e, com um largo sorriso, disse: “Estou feliz que você veio essa manhã. Venha novamente, querido”.

Um grande sorriso surgiu no rosto de Brandon; ele olhou para sua mãe e exclamou: “Ela me chamou de querido!”.

Em pouco mais de uma hora, a líder do louvor começou a desenvolver um bom relacionamento com um garoto de três anos que percebeu o quanto ele era especial para ela.

Relacionamentos significantes e pessoais são cruciais para nutrir a fé da comunidade. Podemos pensar nos relacionamentos como veias que carregam mensagens de amor, entendimento, esclarecimento e contentamento de uma pessoa para outra no corpo de Cristo. Sem os relacionamentos, poucas mensagens alcançam o receptor almejado. Thomas Groome desafia os educadores religiosos a ver seus estudantes não como objetos a serem moldados, mas como pessoas para um relacionamento.²⁷

O dom dos relacionamentos

A formação cristã das crianças é sustentada por uma série de relacionamentos. As crianças precisam conhecer e ser conhecidas pelos adultos que cuidam delas, investem nelas, e dão a elas oportunidades de vê-los vivendo como cristãos. Relacionamentos saudáveis e alegres, tanto com homens quanto com mulheres, abençoam profundamente as crianças. Devido ao grande número de famílias formadas apenas pelo pai ou pela mãe em nossa sociedade, a igreja pode oferecer às crianças a dádiva de relacionamentos significativos com adultos que, de alguma forma, preenchem a lacuna deixada pela mãe ou pelo pai que está ausente de sua casa.

Por causa da legítima preocupação em proteger as crianças do abuso sexual, algumas igrejas não permitem que homens trabalhem com crianças mais novas. Porém, as crianças precisam vivenciar uma aprendizagem com homens, adorar com eles e saber que eles amam a Jesus. Especialmente meninos pequenos precisam ver e sentir o carinho edificante de homens que demonstram o que é ser um homem à semelhança de Cristo. Nossas políticas precisam proteger as crianças do abuso ao mesmo tempo em que encorajam tanto homens quanto mulheres a amar, ensinar e nutrir as crianças.

Desenvolver relacionamentos com outras crianças na comunidade de fé aumenta o senso de pertencimento da criança e a alegria delas por estar na igreja. Crianças que são rejeitadas por seus colegas ou que simplesmente não fazem amigos entre os colegas da igreja geralmente saem assim que têm uma oportunidade. Ao trabalhar com crianças, fique atento aos deslocados, aqueles que não sabem como se relacionar de forma construtiva com seus colegas. A rejeição causa uma grande dor que, com o tempo, pode se transformar em raiva e explodir em violência. Porém, se os conflitos relacionais são notados cedo e os adultos oferecem o apoio e orientação necessários para desenvolver habilidades relacionais positivas, essas crianças podem ser envolvidas e nutridas pela comunidade.

Um grupo de convívio saudável, com membros da mesma idade, desenvolvido na igreja durante a infância, pode oferecer apoio aos pré-adolescentes conforme eles se envolvem com a escola e enfrentam crescentes pressões da sociedade não-cristã. Conforme as crianças alcançam a adolescência é essencial que conheçam, confiem e sejam aceitas por seus amigos, para que conversem livre e honestamente com seu grupo na igreja sobre sua fé e sua vida. Um tempo para as crianças se divertirem juntas e se tornarem amigas não é apenas um atrativo para que elas

venham à igreja. Tais atividades podem estabelecer relacionamentos de apoio que vão influenciar sua formação cristã e sua vida.

As crianças também são abençoadas por meio de relacionamentos com pessoas de diferentes faixas etárias, de adolescentes a idosos. Cathy viu a beleza da diversidade de idades em uma manhã durante a semana da escola bíblica de férias. Adolescentes e jovens da mesma faixa etária se encontraram no saguão da igreja, prontos para se juntarem às crianças em um jogo ao ar livre. Uma mulher com cerca de sessenta anos e um homem com cerca de trinta ficaram responsáveis por ajudar as crianças a construírem casas de pássaros, enquanto alguns adolescentes e adultos mais velhos preparavam o lanche para as crianças. A família estendida se reuniu para servir as crianças, desfrutar de um tempo juntos e desenvolver relacionamentos enquanto as crianças aprendiam mais sobre Jesus.

Apesar de as crianças se beneficiarem bastante da participação na adoração e em outros eventos congregacionais, os relacionamentos crescem, com o passar do tempo, em pequenos grupos de contato mais pessoal. Os relacionamentos desenvolvidos em ambientes mais pessoais enriquecem a experiência de estar juntos em uma grande comunidade de fé. Na união da congregação as crianças veem rostos que conhecem, pessoas que as amam e as chamam pelo nome, e sabem que fazem parte dela. Elas são inseridas na congregação por meio de relacionamentos desenvolvidos à medida que elas participam na vida da comunidade de fé em ambientes variados.

Ainda assim, crianças e adultos podem ficar juntos em uma sala e não desenvolverem relacionamentos significantes. Como passamos a conhecer uns aos outros e nos tornamos importantes uns para os outros? Relacionamentos desenvolvidos por meio de pequenas atitudes de atenção e interesse; algo simples como um adulto olhar fundo nos olhos de uma criança e dizer: “Estou tão feliz por você estar aqui”. Na pressa por desenvolver um ministério, podemos facilmente ignorar essas pequenas atitudes de cuidado pessoal.

Relacionamentos edificantes são desenvolvidos quando os adultos se interessam pela vida das crianças e pelo que é importante para elas, conforme ouvimos suas alegrias e suas decepções. Esse tipo de compartilhamento acontece quando uma criança chega para uma atividade, se os adultos estiverem preparados com antecedência e livres para simplesmente estar com a criança. A oportunidade de compartilhamento entre crianças e adultos precisa ser desenvolvida em nossos ministérios. Um tempo para conversa é um sábio investimento. Relacionamentos significativos geralmente levam tempo para se desenvolverem. Adultos que se comprometem a estar com uma criança uma vez por semana durante um ano ou mais oferecem a dádiva de uma amizade graciosa.

Porém, você deve estar se perguntando, como fazer para ter um número suficiente de adultos envolvidos com as crianças para desenvolver esses vínculos importantes? Aqui estão apenas algumas sugestões. Junte um grupo de pessoas para trabalhar com crianças, permitindo que elas assumam funções que se encaixem com seus dons e sua disposição de tempo. Anthony nunca se viu como professor; porém, por muitos anos, ele foi “o vovô” das crianças de dois e três anos a cada domingo pela manhã. Nomear avós, tios, tias ou guardiões nos departamentos — funções que muitos aceitam mais fácil do que a função de professor — pode enriquecer a vida das crianças e dos adultos. Quando as crianças de 1 a 6 anos se encontram a cada domingo, elas têm contato com alguns membros da equipe por um período de vários anos (o capítulo 12 discute essa estratégia). Isso dá oportunidade para que se desenvolvam relacionamentos significantes. Além disso, dá às pessoas a oportunidade de realizar tarefas de curto prazo com as crianças. Às vezes essa curta experiência pode dar início a uma caminhada rumo a um compromisso ministerial mais profundo.

As bênçãos do relacionamento entre crianças e adultos são vias de mão dupla. Scottie conta de um garoto de oito anos que a abençoa todos os domingos: “Ele fica do meu lado e me olha até eu notá-lo. Então, com um grande sorriso, ele diz: 'Olá, senhora May', e me dá um abraço”. Ela se sente abençoada.

Como desenvolvemos relacionamentos construtivos com as crianças? Por meio de atitudes intencionais de cuidado atento dia após dia e confiando no Espírito de Deus para trabalhar nesses relacionamentos, unindo-nos.

Pontes relacionais

A transição do ensino fundamental para o ensino médio, do departamento infantil para o departamento de adolescentes, pode ser difícil para os pré-adolescentes. Muitas crianças não fazem essa transição na igreja e simplesmente saem, buscando encarar a adolescência sem o apoio de uma comunidade de fé. Os líderes do ministério de jovens e do ministério infantil precisam planejar juntos essa transição.

Durante o último ano do ensino fundamental, as crianças precisam começar a conhecer o grupo de adolescentes. Convide pessoas que trabalham com adolescentes para participar de alguns eventos onde eles podem conhecer os mais novos. Algumas igrejas levam os pré-adolescentes juntamente com alguns adultos que os conhecem para participar de algumas atividades com os adolescentes. Essas atividades podem também dar aos adolescentes a oportunidade de praticar a hospitalidade. Relacionamentos desenvolvidos com obreiros e crianças mais velhas antes de passar para a outra fase podem trazer um grande conforto nos recém-chegados e eles provavelmente se tornarão membros ativos, abençoados pelo departamento de jovens da congregação.

Uma história sobre comunidade

Geralmente nossa visão de igreja impede o desenvolvimento da comunidade e de relacionamentos significativos. Ficamos tão ocupados dirigindo a “corporação” e gerenciando programas que as crianças, os relacionamentos e a comunidade se perdem.

Por muitos anos, Linda trabalhou com congregações e escolas teológicas no Canadá. Depois de um encontro particularmente difícil com a equipe, ela escreveu “Se as igrejas fossem parques”.

Se derrubássemos os prédios das nossas igrejas e os substituíssemos por parques, sentiríamos falta dos prédios? Se as igrejas fossem parques, haveria árvores, gramas e lugares para caminhadas agradáveis, famílias desfrutando as mudanças das estações e nossos idosos sentados em bancos contando às crianças histórias sobre suas vidas e sua fé.

No outono, quando as folhas começassem a mudar de verde para amarelo, de laranja para vermelho, poderíamos convidar nossos amigos e vizinhos para piqueniques e churrascos; convidá-los para rir conosco, conversar conosco, e desfrutar da beleza da criação de Deus — no parque poderíamos deixar algo maravilhoso para as crianças em um mundo que se tornou insano. No inverno, poderíamos brincar na neve com as crianças da vizinhança, jogar bolas de neve, criar bonecos de neve e nos conhecer melhor ao andarmos debaixo das árvores com folhas congeladas. No natal, poderíamos pendurar luzes coloridas, decorar uma árvore de natal, deleitar-nos com as histórias natalinas e cantar canções sob estrelas silenciosas.

Se as igrejas fossem parques, teríamos de trocar nossos jogos de poder e grandeza por caminhadas agradáveis, bonecos de neve, churrascos, árvores de natal, canções natalinas, apresentações de páscoa e conversas próximas com aqueles que precisam saber por que ainda acreditamos em Deus. Se nossas igrejas fossem parques, todas as pessoas poderiam chegar até lá;

elas poderiam ir quando quisessem, pois não haveria portas trancadas ou janelas de segurança em nossos parques — nenhum vidro fumê para nos escondermos. Os membros da nossa igreja que estivessem almoçando no parque poderiam começar uma conversa com um empresário, um estudante universitário ou alguém que estava fazendo compras e agora descansa antes de ir pra casa, ou admirar a diversidade de um grupo de adolescentes e perguntar se eles estão com medo do mundo que criamos para eles, ou com raiva por causa do futuro que talvez tenhamos tirado deles.

Claro que encontraríamos sofrimento em nossos parques: pessoas solitárias, pessoas infelizes, jovens chateados. Talvez os encontrássemos tentando comprar drogas em nossos parques, talvez tivéssemos medo daqueles que quereriam nos machucar e nos roubar. Se nossas igrejas fossem parques, teríamos de encarar o mundo fora de nossos prédios. Teríamos de ser aqueles que estabelecem a paz, falam de redenção e esperança em vez de ser aqueles que se escondem por trás das paredes e desejam que o mundo desapareça.

Quando Deus fez o mundo, ele colocou o homem e a mulher num parque; ele escolheu caminhar e conversar com sua criação no parque. Quando fomos expulsos do parque, começamos a construir torres, impérios, cidades e templos. Tivemos de conquistar e possuir — não apenas o presente, mas também o passado e o futuro. Encontramos formas de controlar nosso mundo e outras pessoas. É difícil fazer isso em um parque.

Obviamente, a imagem do “parque” não pode ser muito aprofundada, mas ela sugere que existem certas características que deveriam ser cultivadas nas congregações — especialmente quando as crianças estão presentes. Quanto do parque as crianças encontram em nossas igrejas?

Conclusões

O ministério infantil está despertando um interesse que não era visto desde o começo do século 20; porém, o que as crianças encontrarão em nossos ministérios? Será que elas serão trazidas aos nossos programas que têm como foco mantê-las felizes e entretidas ou os líderes de ministérios se preocuparão em refletir sobre como a igreja pode servir melhor as crianças? Os líderes estarão preocupados com a atitude da igreja com relação às crianças? A congregação verá as crianças não apenas como a igreja de amanhã, mas como *parte* da igreja de hoje? A congregação encontrará formas de envolver as crianças em uma aprendizagem significativa, uma adoração autêntica e um serviço responsável na comunidade eclesial e por meio dela? A congregação perceberá que as crianças estão aprendendo com a forma como a igreja vive sua fé? Os líderes da igreja deixarão de lado o modelo da igreja como uma corporação gerenciada de forma eficiente e de crescimento rápido? No poder do Espírito de Deus, eles buscarão levar as pessoas unidas por Deus em sua comunidade de fé a absorverem e praticarem juntas a identidade e o caráter que Deus espera?

Quando a igreja responder sim a essas perguntas, por meio de suas experiências com o povo de Deus, as crianças aprenderão o que significa ser cristão e como fazer diferença no mundo.

* MAY, S.[et al.]. Children in the faith community. In: *Children matter*; celebrating their place in the church, family, and community. Trad. Paula Mazzini Mendes. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company / Cambridge, U. K. 2005.

Notas

1. É importante perceber que a palavra traduzida como “auxiliar” em Gênesis 2.18 não quer dizer “assistente subordinada”. A palavra usada aqui é mais frequentemente usada no Antigo Testamento para se referir a Deus como ajudador. Em outros casos, se refere a um exército forte que Israel chamava para ajudar.
2. George Barna, *The Second Coming of the Church* (Nashville: Word, 1998), p.5.
3. Em Deuteronômio 6.5 e João 15.5, 8, 14, 16-17, note que o povo de Deus, os discípulos de Jesus, precisam ter um senso de identidade como filhos de Deus e amigos de Jesus.
4. Christine Pohl, membro da Asbury Theological Seminary, tem estudado esses elementos — como eles são vividos ou violados por uma comunidade de fé e quais as implicações desses comportamentos. Suas descobertas serão publicadas em um livro que será lançado pela Eerdmans.
5. Christine Pohl, *Making Room: Recovering Hospitality as a Christian Tradition* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 13.
6. Pohl, *Making Room*, p. 13.
7. Pohl, *Making Room*, p. 6, 72.
8. Pohl, *Making Room*, p. 68.
9. Pohl, *Making Room*, p. 175-176.
10. Pohl, *Making Room*, p. 172.
11. O termo é usado por Jesus (Mt 5.9) e geralmente pelo apóstolo João (Jo 1.12; 11.52; 1Jo 3.1, 10; 5.2) e pelo apóstolo Paulo (Rm 8.14, 16, 19, 21; 9.8).
12. “Celebrate Sunday School, 4 million teachers strong” (Elgin Ill.: David C. Cook, 1988), Video.
13. The United Methodist Book of Worship (Nashville: United Methodist Publishing House, 1992), p. 96.
14. Esse foi o dia depois dos ataques terroristas do World Trade Center, em Nova York e no Pentágono, em Washington.
15. Craig Dykstra, *Growing in the Faith: Education and the Christian Practices* (Louisville: Geneva, 1999), p. 40-41.
16. Veja Lawrence O. Richards, *Children's Ministry: Nurturing Faith within the Family of God* (Grand Rapids: Zondervan, 1983), p. 74-78.
17. Não estamos dizendo que os programas devem ser abandonados. Quase tudo que fazemos no ministério está relacionado com alguma estrutura de programa. No entanto, os programas se tornam improdutivos quando se tornam o fim e não o meio, ou, como Don Posterski geralmente diz, quando os programas, e não as pessoas, tornam-se os meios para o ministério.
18. Dykstra, *Growing in the Faith*, p. 44.

19. Dyskstra, *Growing in the Faith*, p. 44-45.
20. John H. Westerhoff III, *Will Our Children Have Faith?* Rev. ed. (Toronto: Morehouse, 2000), p.55
21. Gretchen Wolff Pritchard, *Offering the Gospel to Children* (Cambridge, Mass.: Cowley, 1992), p. 141, 143.
22. Werterhoff, *Will Our Children have Faith?* p. 19.
23. Westerhoff, *Will Our Children have Faith?* p. 61.
24. Pritchard, *Offering the Gospel*, p. 143.
25. Marva Dawn, *Is It a Lost Cause? Having the Heart of God for the Church's Children* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 32.
26. Neil Postman, *The Disappearance of Childhood* (New York: Vintange, 1994), p. xi.
27. Thomas H. Groome, *Christian Religious Education: Sharing Our Story and Vision* (San Francisco: Harper and Row, 1980), p. 263.

Mãos Dadas

Revista de Apoio aos que trabalham pela dignidade de nossas crianças e adolescentes.
Caixa Postal 88 - 36.570-000 Viçosa